

IDENTIDADE E TRADIÇÃO NOS CONTOS: AS TRANÇAS DE BINTOU E O CABELO DE LELÊ

Suelany Christtinny Ribeiro Mascena

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Embora a lei 10.639, a que insere a obrigatoriedade da história e cultura afro-brasileira no currículo escolar, esteja em vigor desde 9 de janeiro de 2003, ainda é ausente a sua prática nos colégios. Muitos professores a desconhecem e a falta de capacitação na área contribui para um esquecimento desta temática. Tendo em vista esses pressupostos, decidimos trabalhar com dois contos em sala de aula: *As tranças de Bintou* (2010) e *O cabelo de Lelê* (2007). O foco do nosso trabalho é problematizar a questão da identidade e da tradição negra na sociedade contemporânea, incluindo-a no universo escolar. A partir de uma pesquisa de campo dialogaremos com quatro turmas finais do ensino médio de uma escola estadual do Recife, aplicaremos questionários referentes à importância da cultura negra no Brasil e os vincularemos as leituras dos contos citados neste resumo. Utilizaremos como suporte teórico o autor: *Stuart Hall* (2006) e a lei abordada nesta pesquisa.

1. A Lei 10.639

Antes de iniciarmos a explanação do nosso trabalho, decidimos apresentar a lei 10.639. Com a sua demonstração é possível compreender os motivos de elaboração do referido artigo. Vejamos quais são as exigências instituídas por esta lei:

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

§ 3º (VETADO)"

"Art. 79-A. (VETADO)"

"Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'."

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 9 de janeiro de 2003; 182º da Independência e 115º da República.

(Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm).

Acesso em: 27 de junho de 2012.)

A lei 10.639 valoriza as contribuições trazidas pelos povos africanos no Brasil. Incluindo o conhecimento da história e cultura afro-brasileira. Entretanto, ela não é colocada em prática na maioria das instituições de ensino público e privada, muitos professores e alunos ainda a desconhecem. Sendo assim, pensamos em algumas possibilidades de trabalhá-las no ambiente escolar. A partir da análise de textos literários contemplaremos os eixos abordados na lei e verificaremos a recepção dos alunos perante as obras. Será que eles se identificarão com as personagens? A tradição africana será notada? São essas e outras indagações que tentaremos responder neste breve artigo.

2. As obras literárias:

2.1 As tranças de Bintou

Logo no início do livro a personagem Bintou apresenta-se. A menina está insatisfeita com os biotes que tem no cabelo. Observa o seu rosto refletido na água e não gosta do que vê. "Meu nome é Bintou e meu sonho é ter tranças. Meu cabelo é curto e crespo. Meu cabelo é bobo e sem graça. Tudo o que tenho são quatro biotes na cabeça" (DIOUF, 2010, p.2). Ora sonha com passarinhos fazendo ninhos em sua cabeça, pensa que seria um ótimo lugar para eles deixarem os seus filhotes, ora sonha em ter lindas tranças.

O irmão mais novo da garota será batizado e a sua família fará uma festa para celebrar o momento. Todos do seio familiar estão envolvidos, inclusive a vovó Soukey. Ela é a mais velha, logo a mais sábia. Tenta explicar para Bintou o porquê de crianças não possuírem tranças. Vejamos:

“Há muito tempo, existiu uma menina chamada Coumba que só pensava no quanto era bonita”, vovó diz enquanto afaga minha cabeça.”Todos a invejavam, e ela foi se tornando uma menina vaidosa e egoísta. Foi nessa época, e por isso, que as mães decidiram que as crianças não usariam tranças, só birotos, porque assim elas ficariam mais interessadas em fazer amigos, brincar e aprender.” Vovó me acaricia e diz: “Querida Bintou, quando for mais velha, você terá bastante tempo para a vaidade e para mostrar a todos a bela mulher que será. Mas, agora, querida, você ainda é apenas uma criança. Poderá usar tranças no momento adequado” (DIOUF, 2010, p.10).

Durante a narrativa o leitor percebe traços culturais inseridos na aldeia que Bintou reside. Como por exemplo: o batizado do irmão da menina, o ritual acerca da escolha do nome, a valorização dos mais velhos, a gastronomia presente nas celebrações, as vestimentas utilizadas, dentre outros detalhes.

A personagem principal é bastante curiosa e observadora, característica comum nas crianças. O olhar da garota transmite para o leitor o deslumbramento dela ao observar as mulheres de tranças. São tantos modelos, cores e cortes que Bintou não consegue classificar qual seria a mais bonita. O ato de trançar o cabelo a encanta ainda mais. Há pessoas, como a sua tia, que levam dias para aprontar o penteado, no entanto, o resultado é positivo, pois ele perdura por um bom tempo.

Em meio a tantas mulheres Bintou nota a presença de uma que aparentemente é estrangeira. Ela possui longas tranças, chegando a bater na cintura. O nome da moça é Teresa, oriunda do Brasil. A garota fascina-se pela brasileira e chega à conclusão de que elas são lindas com suas tranças longas. A partir deste episódio reflete sobre o seu cabelo e sente-se triste. Decide então, passear pela praia e escuta uns gritos vindos do mar. A paisagem sossegada contrasta-se com os gritos dos de dois garotos que afundavam junto com uma canoa. A menina rapidamente sai a procura de ajuda. Apesar de conhecer dois caminhos, prefere arriscar-se no curto e espinhoso ao invés do longo e plano. Consegue chegar à vila e comunica aos pescadores o ocorrido. Eles correm para o mar e salvam os rapazes, graças ao aviso e coragem da menina. Na vila todos a

rodeiam e a denominam de heroína. Decidem premiá-la com a realização de um desejo. As tranças é o sonho almejado. Mencionamos:

Nessa noite, sonho que uso tranças e que o Sol me segue. Vejo uma menina sentada no alto de uma árvore. Passarinhos amarelos e azuis se aninham em seu cabelo. O cabelo dela é tão bonito que todos se juntam debaixo da árvore e lhe sorriem. O Sol para de seguir e brilha nas penas dos pássaros e no belo cabelo onde eles se aninham (DIOUF, 2010, p.24).

Pela manhã vovó Soukeye a chama em seu quarto. Com a leveza das mãos passa olho perfumado no cabelo de Bintou e sussurra: “Seu cabelo será tão especial quanto você” (DIOUF, 2010, p.26). Após o término a sábia avó pede que se olhe no espelho. A imagem refletida mostra uma nova criança de pássaros amarelos e azuis no cabelo. A garota gosta do que vê, vejamos: “Eu sou Bintou. Meu cabelo é negro e brilhante. Meu cabelo é macio e bonito. Eu sou a menina dos pássaros no cabelo. O Sol me segue e estou muito feliz” (DIOUF, 2010, p.27). Observamos então que a menina compreende o porquê do uso dos biotes e percebe a beleza da infância e dos cabelos. Embora notemos a tradição cultural

2.2 O cabelo de Lelê

O cabelo de Lelê da autora Valéria Belém conta a história de uma menina que não gosta dos seus cachinhos. Ela procura através de indagações, esclarecimentos acerca da origem do seu cabelo cacheado. Vejamos a ilustração abaixo:



(BELÉM, 2007, p.6)

Lelê procura nos livros as respostas que buscava. Mexe, remexe, até encontrá-las:

Depois do Atlântico, a África chama
E conta uma trama de sonhos e medos
De guerras e vidas e mortes no enredo
Também de amor no enrolado cabelo
Puxado, armado, crescido, enfeitado
Torcido, virado, batido, rodado
São tantos cabelos, tão lindos, tão belos!

(idem, 2007, p.6)

A menina fica encantada com as respostas que o sábio livro a oferece. A herança ancestral é posta em voga, ela percebe que o Brasil sofreu grandes influências da cultura africana e o resultado disso seria a própria figura da Lelê. Após ver várias fotografias de garotas e garotas afro-brasileiros anima-se, pois percebe as semelhanças existentes entre eles. Será que a personagem se identificará com estes sujeitos?



(idem, 2007, p.16)

A alegria da garota é contagiante, em meio ao processo de recusa de si própria, ela aceita os seus cachinhos e decidiu usá-los das mais diversas formas. Sobre essa aceitação mencionamos:

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”(HALL,2006, p.38).

A identidade de Lelê ganha um novo espelho, a cultura afro e agora brinca com seus cachinhos. Vejamos a ilustração abaixo:



(idem, 2007, p.21)

A identidade afro-brasileira perpassa as atitudes e ações da personagem. Quando ela descobre, através dos livros, as respostas sobre as suas origens a aceitação do cabelo é bem mais rápida. Lelê compartilha a felicidade com os seus amigos. Vale salientar que os demais personagens que compõem a obra são crianças de diversas etnias, eles convivem de forma pacífica e sem estereótipos.

A autora tece de forma poética a relação da descoberta da menina e a memória a que está vinculada essa relação. A criança identifica-se através do livro e passa a usar vários tipos de penteados, vinculados à cultura afro-brasileira. Ao final da narrativa há uma indagação direcionada ao leitor: “Lelê ama o que vê! E você?” (idem, 2007, p.21). Será que os leitores se identificam com a personagem? Mesmo que eles conheçam as origens não é tão simples aceitá-las, visto que o padrão de beleza imposto em nosso país ainda é o europeu. Resquícios do colonialismo que ainda vê no outro o modelo a ser

seguido. No tópico a seguir demonstraremos a pesquisa feita na escola estadual e problematizaremos as respostas com o caráter identitário brasileiro.

3. Aplicação dos textos literários na escola.

Loco da Pesquisa: Colégio Liceu de Artes e Ofícios/ Recife

Alvo: Ensino Médio

Turmas analisadas: as finais (terceiros anos)

Quantitativo: 4 turmas com 43 alunos em cada sala. Somando no total = 176

3.1 A pesquisa com os alunos

O questionário continha as seguintes perguntas:

1. Você já ouviu falar na lei 10.639?

R. 99% (Não) e 1% Sim.

2. Na sua escola algum professor contempla a lei 10.639?

R. 73% (Não)/ 15% Sim/ 12% Não lembram

3. Na sua concepção estudar as temáticas afro-brasileiras são interessantes?

R. 89% (Sim)/ 11% Não

4. Você se identifica com as personagens dos contos lidos em sala de aula (*As tranças de Bintou e o Cabelo de Lelê*)?

R.73% Não / 10% Sim/ 17% Não Sabem

Apesar da lei 10.639 vigorar desde 2003, comprovamos que ela é desconhecida, em sua grande maioria, pelos alunos. A presença africana é tão significativa em nosso país, no entanto é negada em diversos pilares da sociedade. A escola é um ambiente de troca de experiências, compartilhamento de saberes e, sobretudo, de formação de cidadãos. É nesse ambiente que temos as condições de dialogar com os nossos alunos e mostrá-los as trocas culturais existentes no Brasil. Mas, nem sempre isso é posto em prática. Através da pesquisa notamos que quase 100% dos alunos desconhecem a referida lei. Ou por falta de divulgação no âmbito escolar ou por desconhecimento dos meios de comunicação. Sobre a prática em sala o discurso é heterogêneo, alguns afirmam a contemplação, já outros não lembram ou

recusam essa possibilidade. Apesar de observarmos as peculiaridades citadas, o item 3 aponta o interesse dos alunos em estudar as temáticas afro. A grande maioria não se identifica com as personagens trabalhadas. É possível que tal recusa esteja vinculada ao fenótipo embranquecido do alunado ou por não perceberem, neles mesmos, traços da cultura negra, embora saibamos da permanência de três etnias na formação do povo brasileiro. Ou seja, o nosso povo é formado pela junção de brancos, negros e índios, porém a primeira é a mais exaltada e aceita dentre as outras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELÉM, Valéria. **O cabelo de Lelé**. 2d. São Paulo: IBEP, 2012.

DIOUF, A. Sylviane. **As tranças de Bintou**. Tradução Charles Cosac. 2ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.